

DESNORTEANDO O PENSAMENTO PARA UM NOVO PROCESSO DE ESCRITA: UMA CRÔNICA DO FAZER CIENTÍFICO, DO FAZER GEOGRÁFICO!

Ludmila Gonçalves Martins¹

$$\left[(\text{H})a \cong \frac{\text{razão}}{\text{emoção}} \text{ na ciência(?)} \right] =$$

Se a (ou há) razão na ciência abre o debate, o “fato” não gera dúvida; ou será que a dúvida é que move a ciência? Ficaram tímidos! Mas só a princípio. Todo dia recebemos processos e mais processos: os assuntos majoritariamente versam sobre a rotina administrativa da Universidade, mas de certo modo carregam um quê acadêmico. E nesse agir rotineiro a reflexão sobre o campo científico se perde em tantos arquivos e papéis... Convidei então meus colegas de função – Técnicos Administrativos em Educação – a conversar sobre ciência.

Hora do café: o que é ciência? – “Fato!” (resposta unânime). E alguém complementou: “é a explicação do mundo depois que se extinguiram os mitos”. Bravo! – Disse alguém. Antes que eu adentrasse numa segunda pergunta, entre um gole e outro, um colega com o dedo em riste lembrou: “mais do que simplesmente o fato, a ciência compreende o registro, a análise e o método”.

–Aliás, este trabalho é para a disciplina de Metodologia? – Perguntou-me a colega. Sem que pudesse responder, emendou: “Não se esqueça de anotar que é o método científico que garante a replicação do experimento e isso é que dá legitimidade ao conhecimento”. Eis que ouço: “o problema é que o conhecimento não está isento de ideologia” – Gritou um colega ao fundo do corredor, ressaltando ainda que: “a ciência pode servir aos mais diversos interesses...”.

¹ Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal do Espírito Santo. Mestre em História Social das Relações Políticas pela Universidade Federal do Espírito Santo. Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais ambas as formações pela Universidade Federal do Espírito Santo. ludmilamartins@yahoo.com.br.

✉ Rua Aldomário Soares Pinto, 279, Maria Ortiz, Vitória, ES. 29070-265.

E, assim adentramos nossa conversa para o que pode a ciência em sua capacidade de entender/explicar o mundo por meio da busca de respostas, soluções e novas perspectivas aos nossos problemas; seja para compreender fenômenos, seja para estabelecer paradigmas (que sempre estão sujeitos à revisão), vemos ainda um uso utilitário e positivista da ciência.

Se há razão na ciência, a emoção espreita ao largo desta discussão. A experiência sufoca em meios aos experimentos... E a ciência só se reconhece (ou é reconhecida) como reflexo no espelho do positivismo.

Caderno fechado. Já na porta de saída um colega me aborda e pergunta: "e as demais ciências?". É parece que este espelho não é tão plano quanto acreditamos, podemos visualizar algumas curvaturas...

Revolucionar o pensamento não é tão fácil quanto o desejo de fazê-lo. É revolver o que estava sereno, provocar sublevação mental, é reformar, mais do que isso, é transformar nossa visão de mundo.

Lembro-me de lá na escola primária meu professor colocar o mapa mundi na lousa e, o que era um ato cotidiano às aulas de estudos sociais, de repente provocar rebuliço e inquietação na sala de aula... Percebendo o alvoroço, eis que o professor indagou: "qual o problema?" E todos imediatamente trataram de esclarecer que o professor havia se enganado e que o mapa estava de cabeça para baixo. Ele riu e disse não se tratar de um engano. Nossa lógica (cartesiana) foi abalada!

Se não era um engano, o que estava acontecendo afinal? Aquilo nos incomodou profundamente. A mim, nauseava e até indignava... Oras, assim não poderemos "decorar" a posição dos países? Leda preocupação. O que eu aprendi a partir daquele momento foi apenas uma gota em todos os outros mares que ainda percorreria (e percorrerei).

Ideologias: políticas, econômicas, sociais, culturais, religiosas... Mais ou menos no pensamento do manda quem pode, obedece quem tem juízo. Era preciso descolonizar a maneira de pensar, (des)nortear o pensamento, para daí formular a crítica.

Aprendi que um mapa não é somente um discurso gráfico, ele também é uma forma de escrita. Entre paralelos e meridianos a linguagem cartográfica flui em processo simbólico de projeções e representações. E o que antes era certeza, agora é questionamento.

Outro dia publicaram numa rede social um mapa baseado na produção científica no mundo: o que se via era uma imagem distorcida entre o que convenciamos chamar de norte e sul. Os países ao norte inchados enquanto continentes inteiros no sul eram tragados. A notícia dizia que esta desigualdade tinha como fatores influentes a diversidade de distribuição do recurso financeiro e de tecnologia e que as pesquisas na área de humanidades não foram contabilizadas na construção do mapa. Não vou mentir, aquele mapa irregular me incomodou... Mas agora o incômodo não era apenas pela sua geografia, mas pela simbologia grafada que prima por certa possibilidade de ciência e não pelas ciências possíveis.

De que nos vale a maximização das informações por meio do computador e da internet, senão problematizarmos o mundo que vivemos? Cabe a nós, aproveitar as ferramentas que possuímos para decodificar nosso espaço-tempo em busca do conhecimento emancipatório, de outras verdades. Nesta trajetória do conhecimento científico, sigo neste conflito entre nortear e sulear o pensamento sempre considerando outras possibilidades de inscrição no mundo. ☉